

Estudantes protestam por professores

Manifestação que pede continuidade da eleição para diretor de escola pública reúne pais, alunos e mestres na praça em frente ao Palácio do Buriti

Freddy Charlson
Da equipe do **Correio**

As aulas nas escolas de 1º e 2º graus da rede pública do Distrito Federal diminuíram pela metade. Pelo menos ontem, quando ao invés de irem até o meio-dia foram interrompidas às 9h. Tudo para que professores, alunos e pais entrassem nos ônibus fretados pelo Sindicato dos Professores (Sinpro) para participar da maior manifestação dos primeiros 113 dias do governo Roriz.

As aulas pela metade significaram o “horário reduzido” alardeado pelos professores e que contou com o apoio de pais e estudantes. O horário reduzido foi uma atitude tomada para que a grade curricular fosse cumprida e todos fossem liberados para gritar, apitar e balançar balões pretos na Praça do Buriti em defesa da escola pública, da gestão democrática (eleição de diretores de escolas de forma direta, pela comunidade) e, também, de mais professores.

Com esses objetivos, a turma chegou cedo à praça, às 9h. O caminhão de som do Sinpro — um Mercedes-Benz, placa JEE 5497 — só chegou às 11h10. Mas fez barulho e trouxe, em três das seis pistas do Eixo Monumental, uma procissão de estudantes que gritavam palavras de ordem do tipo “Diretor competente quem elege é a gente”. Estavam animados e com fitas amarradas nos braços, apitos, rostos pintados e balões pretos nas mãos. Além dos estudantes — e de políticos e sindicalistas — o caminhão trouxe um problema para os policiais do 3º Batalhão de Polícia Militar (BPM) que vigiavam o local.

Instruído pelos sindicalistas, o motorista tentou subir no passeio da praça. Foi impedido pelo coronel Lobo Evangelista, do 3º BPM, que ameaçou. “Tem muita gente aqui. Vocês não precisam do caminhão. Se me sacanarearem, vou guinchar. E multar o condutor”, disse. Esperto, o motorista rapidamente fugiu. O deputado federal Geraldo Magela (PT DF) tentou acalmar os ânimos. “Queremos evitar confronto”, disse o deputado. No que o coronel Rodrigues respondeu: “Estou com o senhor. Não quero confronto”.

E não houve mesmo confronto físico, apesar das ameaças veladas, da Polícia Militar, ou declaradas, vindas do alto do caminhão. O único confronto aconteceu entre as caras fechadas dos PMs e as caras pintadas dos estudantes que superavam, em muito, a quantidade de professores na Praça do Buriti. Estudantes empolgadas como as amigas Michelle de Paula, 17, e Paula Jackelliny, 16, que — com os colegas do Centro de Ensino 2 de Ceilândia — dispensaram o resto da manhã, depois do horário reduzido, para apoiarem a manifestação. Elas não desanimaram, mesmo depois de horas no sol e o falatório de

dezenas de pessoas que queriam dar o seu recado contra o governo local.

“Como vamos aceitar a entrada e os procedimentos de um diretor indicado pelo governo e que não conhecemos? Precisamos escolher alguém da comunidade, que conheça os alunos e saiba resolver os problemas e dialogar”, desabafou Paula, insatisfeita, como Michelle. “Faltam 12 professores. Estamos sem aulas de Inglês, Educação Artística e Ensino Religioso”, reclamou Michelle, revoltada, sobre a escola que tem 34 turmas e 2.300 alunos.

Do Centro de Ensino 2 de Ceilândia veio a própria diretora do colégio, Vânia Rêgo, estava lá para defender a própria posição. “A lei garante a eleição democrática”, afirmou. Ao lado dela, a dona-de-casa Maria José da Silva, 58, que saiu de casa para apoiar o ato público. “Me preocupo com o futuro da educação das minhas crianças”, explicou a mãe de duas alunas, que concordou com a redução do horário.

SOM FIXO, PODE

Mas a secretária de Educação, Eurides Brito, condenou a presença de alunos na manifestação. Considerou que eles deveriam estar em sala de aula. Segundo Eurides, os diretores do Sinpro tinham medo do fracasso devido ao baixo número de professores dispostos a acompanhar o movimento. “A manifestação foi feita em local errado. Deveria ter sido na frente do Supremo Tribunal Federal, que decidiu que cargos em comissão são de escolha dos dirigentes eleitos. No caso, o governador”, disse.

Eurides não foi à manifestação na Praça do Buriti. Jair Tedeschi, da Coordenação de Planejamento e Operações da Secretaria de Segurança, foi. Tranquilo, Tedeschi acalmou os ânimos exaltados entre o coronel Lobo Rodrigues e os manifestantes. “Som fixo, pode. O que não pode é caminhão na praça”, disse.

Com a fala mansa, conseguiu que, às 13h15 — 45 minutos depois do fim da manifestação — o caminhão de som deixasse o Eixo Monumental dirigido pelo sindicalista José Alves Bezerra, 33 (com carteira de habilitação A2D, se dispôs a tirar o carro do local). Na boléia, os distritais do PT, Paulo Tadeu e Maria José Maninha.

Nesse momento, poucos estudantes e professores ainda estavam no local. A maioria já havia entrado nos ônibus fretados pelo sindicato e voltado para suas cidades de origem, cansados e famintos. Não sem antes passarem pelo Buriti e gritarem, contentes. Alegria demonstrada talvez pelo horário reduzido que possibilitou uma folguinha na carga horária. Ou pelo sentimento de brincadeira e novidade conquistado na manifestação. Ou pela sensação de dever cumprido, de luta pela cidadania. Talvez até por tudo isso.

Jefferson Rudy



Alunos tiveram horário escolar reduzido e foram levados para protestar na Praça do Buriti por ônibus alugados pelo Sindicato dos Professores

Uma nova cara-pintada

Há dez anos, em 1989, Kellen Moraes tinha apenas seis anos. E mal se recorda do tempo em que milhares de estudantes de todo o país saíram às ruas para pedir o *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor. Mesmo se esforçando, a menina de boa memória mal lembra das imagens que marcaram a história recente do país.

Mesmo assim, Kellen, moradora do Cruzeiro Novo e aluna do 3º ano do Centro Educacional do Cruzeiro, parece que encarnou o espírito dos caras-pintados da geração imediatamente anterior à sua. Vestiu-se de preto, pintou o rosto com duas faixas de tinta preta e usou um óculos escuro.

“Escolhi a cor preta para demonstrar nossa revolta com a falta de democracia, com a falta de carinho em relação à educação e os estudantes. Com a população”, afirmou, ao lado de dezenas de amigas da escola, igualmente vestidas de preto. Consciente, Kellen acredita que a luta pela democracia não depende somente da juventude sair às ruas e gritar refrões rebeldes. “Precisa muito mais que isso. O próprio Collor não foi tirado do governo pelos caras-pintados. Mas sim por todos os brasileiros, cansados de corrupção”, afirmou.

A estudante considera fundamental esse tipo de manifestação, diz que é importante manter a “chama” e o desejo de mudar o mundo. “Seria bom se todos pensassem assim, independente da idade”, acredita a estudante. (F.C.)